



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SHYRLEI DOS SANTOS COSTA

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FORTALEZA-CE
2015

SHYRLEI DOS SANTOS COSTA

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins

FORTALEZA- CE

2015

SHYRLEI DOS SANTOS COSTA

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof,^a Dr.^a. Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a. Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins(Orientador)
Universidade Federal Do Ceará (UFC)

À minha família, meu porto seguro. Ao João Pedro, meu sobrinho-neto, que é a alegria em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, o autor da vida.

Aos meus pais pelo apoio e compreensão.

Ao Ivan, meu namorado, que me incentivou e me apoiou nos momentos de desânimo.

À amiga Williane, que esteve sempre do meu lado na hora do meu desespero e desânimo quando pensava em desistir, sempre recebia dela palavras de encorajamento e ajuda com minhas dúvidas referentes ao trabalho.

À professora Dr.^a. Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins pela dedicação e paciência na orientação deste trabalho

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a prática da contação de histórias na educação infantil, mapeando na rotina escolar o tempo, espaço e a disposição das crianças no momento que acontece, bem como analisar como é planejado, observar a participação das crianças e investigar a concepção da professora sobre a importância dessa prática. Essa atividade nesse nível é necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, favorecendo a aprendizagem, contribuindo para potencializar a imaginação, a linguagem e a memória. Este estudo de natureza qualitativa foi realizado junto a três turmas de educação infantil de uma escola pública do município de Fortaleza-CE, ambiente em que se observou a prática da contação de histórias na rotina da educação infantil das três professoras pesquisadas. Analisamos, nesta pesquisa, como é feito o planejamento desse momento, o local e tempo em que ocorreram as atividades, os recursos utilizados pelas professoras, bem como a recepção das crianças na hora da contação. Por fim apresentamos os resultados de uma pesquisa que possibilitou identificarmos a relevância da presença da literatura infantil na rotina dos pequenos como meio de apoio e valorização à contação de histórias, contribuindo para a formação de pequenos leitores. Os resultados da pesquisa nos levaram a refletir sobre a importância dessa atividade na educação infantil, necessitando de um planejamento intencional para executá-la com êxito, pois o presente estudo nos mostrou a carência de conhecimentos teóricos por parte da professora no que diz respeito à contação de histórias, resultando assim em uma prática sem planejamento e estratégias que enriqueçam essa atividade.

Palavras-chave: Educação infantil. Contação de histórias. Literatura infantil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	A Literatura infantil	12
2.2	A Contação de história	19
2.2.1	Tipos de narrativas.	21
2.2.2	<i>A contação de histórias na educação infantil</i>	22
2.2.3	<i>Recursos utilizados na contação de histórias</i>	25
3	METODOLOGIA	30
3.1	Características da pesquisa	30
3.2	Lócus da pesquisa	31
3.3	Sujeitos da pesquisa	32
3.4	Técnicas de coleta de dados	32
3.5	Trajetórias da pesquisa	33
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	35
4.1	Observação	35
4.2	Entrevista	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICES	51

1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata da contação de história na Educação Infantil e busca investigar como esta prática acontece no cotidiano da escola.

As razões que me levaram a escolher esse tema foram de interesse particular, sempre gostei de ouvir as histórias que minha avó contava quando era criança, e esse hábito despertou meu interesse em contar histórias para as crianças, não somente na escola, mas em casa, pois sempre conto histórias para meus sobrinhos. Eram momentos de entretenimento e de aprendizado nos quais a minha avó passava, por meio de suas histórias, os costumes e valores de seu tempo.

O hábito de contar histórias é uma prática antiga, a qual sempre esteve presente entre os povos desde a antiguidade, de modo que eles transmitiam de forma oral seus “causos” entre as gerações, dessa forma repassavam valores e costumes coetâneos.

Desde muito tempo, antes mesmo da invenção da escrita, essa atividade de contar histórias já existia entre as diversas culturas com o intuito de diversão, ensino ou até mesmo passatempo, mediante a tradição oral, ou seja, cada geração passava a história de sua cultura para a geração seguinte, e assim sucessivamente, deixando vivas as memórias de cada geração anterior.

Em algumas culturas, todas as pessoas podiam repassar suas histórias, enquanto que em outras só poderiam ser narradas por contadores que utilizavam de meios interessantes, levando seus ouvintes a apreciá-las e a memorizá-las.

Apesar de na contemporaneidade termos a modernização e a tecnologia que nos proporciona histórias em livros, televisão, revistas em quadrinhos, desenhos, filmes, ainda assim não se perdeu esse hábito de contar histórias. Porém, parece que infelizmente esse momento se encontra presente, sobretudo, e às vezes, apenas, em ambiente escolar, o qual, muitas vezes, pode ser o único lugar onde as crianças têm contato com livros e audição de histórias.

Ao vivenciar essa experiência com minhas turmas pude perceber como as crianças gostam desse momento, e muitas delas vivem os personagens das histórias, contribuindo dessa forma para que possam lidar melhor com seus desejos e medos, permitindo o desenvolvimento de sua imaginação.

Por meio de minhas experiências fui percebendo o quanto a contação de histórias e o contato com os livros contribuem em diversos aspectos do

desenvolvimento das crianças, como: cognição, socialização, aquisição da linguagem oral e escrita, assim como na elaboração de regras de convívio e no aspecto afetivo ajudando-as na construção de sua identidade.

São por meio das histórias que elas ampliam seus horizontes e aumentam seus conhecimentos passando a entender o mundo ao seu redor, fazendo com que as mesmas transformem seu jeito de pensar, agir e ser. Essa experiência diária, bem organizada e com intencionalidade, permite às crianças desenvolver comportamentos leitores.

A resolução nº 5, das Orientações Curriculares para a Educação Infantil, de 17 de dezembro de 2009, no seu artigo 9º, inciso III, diz que:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras, garantindo experiências que:

[...] III-Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

Nesse sentido é necessário que a instituição de Educação Infantil possa cada vez mais ser um espaço no qual as crianças tenham a oportunidade de estarem em contato com diversos tipos de textos, especialmente livros de literatura infantil, para que estas possam manusear, ler as imagens, bem como ter momentos diários nos quais possam ouvir as histórias contadas ou lidas pela professora.

De acordo com o RCNEI¹, Volume 3, p.143::

[...] A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (BRASIL, 1998).

Partindo desse pressuposto, percebe-se a importância da roda de histórias no cotidiano da educação infantil de forma intencional e bem elaborada pelo professor, o qual é o mediador, proporcionando o contato da criança com a linguagem literária. Outra atividade que complementa a contação é o recontar a

¹ Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

história, de forma que as crianças possam ampliar seu vocabulário, reconstruindo o texto oralmente à sua maneira. Dessa forma, a criança estabelece uma relação entre a fantasia e a realidade. —O ideal é que a criança repita a história, que acabou de ouvir, que lhe seja a dada à oportunidade de modificar o final, ou seja, alterar a história (BRASIL, 1998, p. 144)

A criança, mesmo não sabendo ler convencionalmente, pode vivenciar essa experiência através da escuta de histórias intermediada pela professora, mesmo que ainda não saiba decifrar o código linguístico. O ato de ouvir é uma forma de leitura. A criança que escuta muitas histórias tem muito mais possibilidades de construir um saber sobre a linguagem escrita.

A contação de história oportuniza às crianças conhecerem o modo de viver, pensar, agir e os valores de outras culturas diferentes da sua, contribuindo na formação de sua identidade e sensibilidade.

É inegável que esta atividade nesse nível é necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, favorecendo a aprendizagem, contribuindo para potencializar a imaginação, a linguagem e a memória.

Incentivando a leitura para as crianças desde bem pequenas, estas terão possibilidades de se tornar leitores assíduos por toda a vida, usufruindo da literatura com prazer e não por obrigação.

A partir dessa prática muito presente em minha vida, surgiu a curiosidade de saber como esse trabalho é desenvolvido por outras professoras de educação infantil, pois observando a rotina da escola em que trabalho, percebi que a contação de histórias não está tão presente em suas rotinas.

Portanto, diante da relevância do tema abordado e de minhas inquietações, este trabalho aborda a seguinte questão de pesquisa: Como acontece a contação de histórias na educação infantil? Funciona? Por quê?

Para responder a essas questões, elencamos os seguintes objetivos: Investigar a prática da contação de história na educação infantil.

Os objetivos específicos são:

- Mapear na rotina escolar, o tempo, o espaço e a disposição das crianças no momento da contação de histórias;
- Analisar o momento do planejamento da contação de história e os recursos utilizados;

- -Investigar a concepção da professora sobre a importância da contação de histórias na educação infantil;
- -Analisar como é a participação das crianças durante a contação de história

Os argumentos que permearam nossa pesquisa tiveram como referência o estudo de Abramovich (1993) que disserta sobre a leitura como fonte de prazer; Coelho (1987), que define a contação de histórias como uma arte que faz todos sorrirem e gente grande volta a ser criança; Debus (2006) que aproxima a leitura literária do lúdico existente nas brincadeiras, entre outros.

No primeiro capítulo, abordamos a literatura infantil, no qual discorremos um pouco sobre o que é literatura infantil, como e quando surgiu uma literatura voltada para a infância, escritores relevantes para literatura infantil, como: Monteiro Lobato e Ruth Rocha, entre outros. Ressaltamos a importância da inserção da literatura infantil no âmbito escolar.

No segundo capítulo, discorre-se sobre a contação de histórias desde os tempos antigos até os dias atuais, focando a importância dessa prática nas escolas como um dos suportes para obtermos qualidade na educação infantil.

No subtópico deste capítulo, denominado **tipos de narrativas** é dissertado sobre os diversos tipos de narrativas, por exemplo, a lenda, o mito e as fábulas ,com fundamentação nos teóricos estudados.

No subtópico **A contação de histórias na educação infantil**, é apresentada fundamentação referente à relevância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na educação infantil, e a necessidade de incluir essa prática na rotina diária das crianças, levando em consideração a faixa etária no momento da escolha da história, de acordo com a fase que se encontra, focalizando a importância de como ler e contar histórias para a criança na educação infantil.

Finalizando o capítulo, são apresentadas sugestões de técnicas e recursos para o professor usar na hora da contação de histórias, enriquecendo esse momento mágico, buscando levar alegria e prazer para os ouvintes, nesse caso as crianças.

No capítulo três, é apresentada a **metodologia**, e a abordagem teórico-metodológica que orientou o presente estudo e as especificidades do processo de investigação.

No capítulo quatro - **Análise dos resultados**, discorre-se sobre a análise do momento da contação de histórias e da entrevista feita com as professoras pesquisadas.

E, finalmente, no capítulo de conclusão, discorre-se sobre as considerações a respeito do processo de investigação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Literatura infantil

Segundo Coelho (1987, p. 10) “A literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. É uma linguagem que possui especificidade, assim como toda e qualquer linguagem, mostra uma vivência específica do ser humano, difícil de ser explicada com precisão.

A natureza da literatura infantil, em essência é igual a que se destina aos adultos: o que as diferenciam, é a singularidade determinada pela natureza do seu leitor, de quem a recebe: a criança.

Coelho (1987, p. 12) salient que:

Vulgarmente, a expressão —literatura infantill sugere de imediato a idéia de belos livros coloridos destinados à distração e prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura Infantil foi minimizada como criação literária e tratada pela cultura oficial como um gênero menor.

Segundo a autora, o caminho para a redescoberta da literatura Infantil, em nosso século, foi feita pela Psicologia, que foca a atenção nos diversos estágios de desenvolvimento infantil e do adolescente e a importância essencial para a evolução e a formação da personalidade do futuro adulto.

A valorização da literatura infantil como algo que tem significado, de vasto alcance na formação do leitor infantil e juvenil, bem como de forma integral dentro da sociedade e das culturas, é uma conquista recente (Coelho, 1987).

A literatura infantil é considerada recente não pelo fato de que não existia antes, ou que não tenha sido publicada, e sim por ter sido publicada sem a intenção de ser direcionada às crianças apenas. Como vamos explicar a seguir, antes do século XVI as obras eram produzidas e destinadas preferencialmente aos adultos, isso porque a infância não era reconhecida como tal.

Ainda segundo Coelho a literatura desde sua origem esteve ligada à diversão ou objetivando de alguma maneira um determinado aprendizado das

crianças. Portanto sua matéria deveria ser em um nível de fácil entendimento a quem se destinava.

Na sociedade medieval, era ausente o sentimento de infância. Nessa época o sentimento de infância representava uma compreensão da singularidade infantil. Ariès (1981, p. 50) discute de modo bem claro a inexistência da infância na idade média:

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.

Nessa época, século XII, a criança, era vista com um —adulto em miniaturall, não existia o sentimento de infância, também da mesma forma não havia literatura voltada para a criança, então os primeiros escritos de literatura infantil eram resultados da adaptação de textos escritos para adultos.

Desses textos eram tiradas as dificuldades de linguagem, as reflexões que estivessem acima da compreensão infantil e as situações conflituosas que não servissem de exemplo procurando enfatizar as ações de cunho aventureesco ou exemplar.

A partir do século XVI, na Idade Moderna, essa imagem e visão da criança teve uma evolução, e a criança passou a ser percebida como um ser que tem necessidades e precisa de cuidados, sendo dessa maneira, desmistificada a representação do —adulto em miniaturall que perdurou durante muito tempo relacionado a essa faixa etária.

É neste período, com a ascensão da burguesia, que surge a literatura infantil, sobre isso comenta Zilberman (1994, p. 13):

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão.

A autora anteriormente citada afirma que essa proximidade entre a escola e o gênero literário não é casual. Indício disto é que os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professoras, com acentuado propósito educativos. E até os dias atuais a literatura infantil continua dominada pela pedagogia, o que lhe trouxe muitos prejuízos.

Por ter um objetivo, não é aceita como arte, e a presença desse teor didático faz com que a literatura infantil integre uma tarefa cujo compromisso é dominar a criança. São estas circunstâncias que se tornam um problema para a relação entre literatura e educação. Sobre isso Zilberman (1994, p.14) explica:

De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras: o jovem não quer ser ensinado por meio da obra literária; e a crítica desprestigia globalmente a produção destinada aos pequenos, antecipando a intenção pedagógica sem avaliar os casos específicos. De outro, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade.

Desvela-se relevante e vital um redirecionamento da relação entre a literatura e a educação, a qual as transformem casualmente em um ponto de partida para um novo e vantajoso diálogo entre o livro e seu receptor mirim.

Cultivar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, resulta do fato de que ambas comungam de um mesmo ponto de vista: a natureza formativa, com objetivos comuns de promover o desenvolvimento intelectual das crianças.

Zilberman (1994,p. 21), ressalta ainda que:

Tanto as obras de ficção como a instituição de ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se tratem de produções oriundas de necessidades sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atuação sobre o receptor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente aos seus efeitos.

Com o desenvolvimento da tipografia, no século XVIII, ocorre o progresso na produção e distribuição de livros. Se com o surgimento da tipografia se tornou mais rápida a produção de livros, era preciso que se tivesse um leitor apto para consumir tal produto.

Nessa circunstância, a escola é convidada a executar seu papel de formadora de leitores, acentuando sua condição de mediadora, preparando as

crianças para o consumo dos livros que estão sendo produzidos em escala crescente.

Dessa maneira, escola e literatura infantil se juntam para elaborar os conhecimentos essenciais ao crescimento cognitivo deste novo ser: a criança.

Essa união entre educação e literatura infantil possibilita a criança entrar em contato com o mundo letrado, aprimorando seu vocabulário, instigando a busca de novos conhecimentos.

A partir das transformações na forma de conceber as crianças, surgiram as primeiras modificações com relação às práticas e produções literárias para os pequenos.

A concepção de criança nesse novo contexto da literatura infantil é de um ser ativo, em desenvolvimento, possuidora de direitos e necessidades que devem ser realizadas, assim como a oportunidade de brincar.

Diante desse novo contexto, surge a necessidade de uma literatura adequada para a infância, como bem coloca Cunha (2003): em busca dessa literatura direcionada às crianças perceberam-se duas tendências aliadas aquelas que já existiam em relação à leitura dos pequenos: a dos clássicos que fizeram adaptações e do folclore que houve a adequação dos contos de fadas.

Perrault, e em seguida os irmãos Grimm, acumuladores dessas histórias folclóricas, tem ligação com a origem da literatura infantil. Seus contos foram publicados e modificados diversas vezes. Tanto que nos dias atuais esses relatos se mostram com variadas modificações.

Em cada país, além dessa literatura que havia se tornado universal foram aparecendo gradativamente diversificadas propostas de obras literárias infantis. Destacaram - se entre os autores importantes: Andersen, Carlo Collodi, Amicis, Lewis Carroll, J. M. Barrie, Mark Twain, Charles Dickens, Feren Molnar.

Segundo Cunha (2003), no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias.

Essa etapa rudimentar da literatura infantil brasileira é desempenhada especificamente por Carlos Jansen (contos seletos das mil e umas noites, Robson Crusoé, As viagens de Gulliver a terras desconhecidas), Figueiredo Pimentel (Contos da carochinha), Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos pátrios) e Tales de Andrade (Saudade).

A literatura infantil brasileira tem início com Monteiro Lobato, que apresentou uma obra diferenciada quanto a gêneros e orientações, o autor concebe uma literatura centralizada em alguns personagens que circulam e consolidam seu universo ficcional.

Hoje a dimensão da literatura infantil é muito ampla e relevante, ela possibilita o crescimento emocional, social e cognitivo da criança de forma inegável.

Com o aparecimento de Monteiro Lobato veio também uma nova proposta de literatura infantil na qual a criança passa a ter voz e vontade, mesmo que vindas da boca de uma simples boneca de pano: Emília. Os livros de Lobato nos trazem textos e ilustrações a partir das quais podemos perceber a refutação e astúcia infantis sem obstáculo, por meio dos personagens do sítio do Pica-pau Amarelo. (Filho et al., 2011, p.16).

Sobre as obras de Monteiro Lobato, Cunha (2003, p. 24) nos fala:

Ao lado de obras marcadamente didáticas, escreve Lobato outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem o reaproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional.

Em todas as obras, porém, observa-se o mesmo questionamento e inquietação intelectual, a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais, expressa essa temática numa língua marcada pelo aproveitamento do dialeto brasileiro. Foi ainda um grande adaptador dos contos de fadas e das obras de Peter Pan e Pinóquio.

Lobato mostra em suas obras atributos que nos tempos passados nunca tinham sido conhecidos no mundo literário para as crianças, como: a universalidade da realidade brasileira, interesse pelos problemas da sociedade, aguçar no leitor uma complacência com relação ao modo corriqueiro de ver o mundo (FILHO et al., 2011, p. 16)

Ainda sobre Lobato, Zilberman (1994, p .54) menciona:

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se rompe (ou melhor: começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, Monteiro Lobato constrói uma realidade ficcional coincidente com a do leitor de seu tempo e inventa o sítio do Pica-Pau Amarelo.

As mudanças trazidas por Lobato trouxeram também para a literatura infantil a multiplicidade de princípios do mundo atual, indagação do dever do homem em relação ao universo que está em constante transformação.

As obras literárias dos dias atuais procuram chamar a atenção através do prazer de ler, percebe-se nessas obras enredos de aventuras e histórias lúdicas, bem como a presença das vozes e sentimentos das crianças para as páginas dos livros, assim como ilustrações e linguagem direcionada aos pequenos, fato que chama a atenção do leitor.

De acordo com (Filho et al., 2011, p. 17):

Desse modo, mais precisamente após a década de setenta, encontra-se uma produção literária-artística para as crianças que não nasce apenas da necessidade de se transformar em recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico, o catártico e o libertador, além do pragmático e do cognitivo.

Conforme (Filho et al., 2011, p.17), autores como Pedro Bandeira, Roseana Murray, entre outros, trazem em suas obras as vozes das crianças e seu universo diário com suas oposições para serem vistos e lidos em uma literatura para as crianças da contemporaneidade, mediante uma literatura que procura a arte, sua característica primordial.

Nesse período, também com o progresso das histórias infantis surgiram nomes como: Ruth Rocha e Ana Maria Machado autoras que renovaram os contos de fadas.

Segundo Bettelheim (2002, p. 8) //...os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só...//

O aspecto e alicerce dos contos de fada oferecem imagens à criança com as quais ela pode construir suas fantasias e com elas dar um melhor direcionamento a sua vida (Bettelheim, 2002).

O conto infantil possibilita às crianças enfrentarem suas realidades, seus medos, frustrações, ou seja, a lidar de forma positiva com suas emoções e conflitos. Quando uma criança ouve ou lê uma história ela entra em um mundo diverso, no qual bruxas, fadas e madrastas, reis e rainhas, príncipes e princesas agem como seres fantásticos. Esses seres estimulam seu ego e atuam como meio de superação e vitória.

Sobre esses conflitos, Bettelheim (2002, p. 10) escreve:

Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles. Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimentam uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes ela é incapaz de expressar esses sentimentos em palavras, ou só pode fazê-los indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo. Como cria um desconforto num pai reconhecer essas emoções no seu filho, tende a passar por cima delas, ou diminui estes ditos medos a partir de sua própria ansiedade, acreditando que abrigará os temores infantis.

O conto de fadas ao contrário se utiliza desses conflitos existenciais típicos da infância dando-lhes a devida importância, dirigindo-se diretamente a eles, oferecendo respostas de maneira que a criança possa assimilar de acordo com seu grau de entendimento.

Por meio do trabalho com a literatura infantil possibilita-se o desenvolvimento da criança em vários aspectos, abrangendo seu corpo, sua memória, linguagem, sentidos e imaginação.

Debus afirma “que a inserção da criança no mundo lúdico da leitura literária desfaz algumas ideias preconcebidas, tais como a de que a criança pequena não é leitora”(2006, p. 22).

Sobre a desconstrução dessas ideias, afirma Debus (2006, p. 18):

Assim, criança faz sua primeira leitura pelo contato com os elementos físicos constitutivos do livro: o tipo de papel, a textura, o volume, a extensão do número de páginas, o colorido das ilustrações, etc. Esse esboço de leitura pode ocorrer já nos primeiros dias de vida do bebê, quando o aproximamos do livro objeto, isto, é dos livros de pano, de plástico, e de outros materiais resistentes, como os de papelão, de borracha, etc. Nesse momento, os livros com essas características ocupam um papel próximo ao do brinquedo: a criança tem a oportunidade de manter uma relação palpável com um objeto que se identifica com a estrutura física do livro.

A literatura infantil na contemporaneidade vem sendo executada de forma que atenda os anseios demonstrados pela educação, procurando reportar a criança para suas vivências diárias, procurando capacitá-la para enfrentar a vida.

Inseri-la na prática escolar é ter como aliado um recurso essencial para ajudar no crescimento da criança de forma global, fazendo uma ligação com as diversas áreas do conhecimento, de maneira prazerosa e de boa qualidade.

2. 2 A Contação de história

No atual documento elaborado pelo Ministério da Educação² (BRASIL, 2009) com critérios para avaliar a qualidade na Educação Infantil, são sugeridos alguns indicadores na perspectiva —Multiplicidade de experiências e linguagensll, que se associam particularmente com o assunto deste capítulo. São eles:

- As professoras leem livros diariamente, de diferentes gêneros, para as crianças?
- As professoras contam histórias, diariamente, para as crianças?
- As professoras incentivam as crianças a manusear livros, revistas, e outros textos?
- As professoras criam oportunidades prazerosas para o contato das crianças com a palavra escrita?
- As professoras incentivam as maiores, individualmente ou em grupos, a contar e recontar histórias e narrar situações?ll (p. 41).

Refletindo sobre os indicadores mostrados pode-se deduzir que estudiosos e formuladores de políticas na área parecem aprovar que a atividade de leitura e contação de histórias são elementos essenciais na concretização do conceito de qualidade na Educação Infantil.

A contação de histórias consistenum ato antiquíssimo de manifestação e interpretação do que se vive e imagina. Por meio dela, o professor pode, em sua prática na sala de aula, discutir diversos assuntos, além de possibilitar as crianças desenvolver o lúdico, a imaginação e o prazer por uma boa leitura. Para Bussato (2012, p. 45)

[...]contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico- simbólico e do mistério. Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a história viva; para se sentir vivo; [...]—

Contar histórias não é apenas ler o que está escrito em um livro de qualquer forma, devem-se elaborar estratégias relacionadas à história ou ao fato, de maneira que a criança ao escutar uma fábula, um conto ou até mesmo uma lenda ou

² BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEB, 2009.

notícia, embarque no mundo da imaginação, dando continuidade às narrativas ouvidas, fazendo uma relação entre a realidade e fantasia.

Sobre o imaginário, Pontes (2012, p. 13) menciona: —O imaginário, por muito tempo, não foi tido como um objeto de discussão sério e comprometido com mudanças e ampliação de ideias, como diversão, entretenimento e até mesmo vazio de discursoll.

Esse pensamento racional repercutiu de maneira intensa na escola, a qual, por muito tempo, teve como atribuição reproduzir saberes e ser transmissora de opiniões e valores de uma sociedade.

Ainda segundo essa mesma autora, a escola racionaliza o indivíduo, dando-lhe capacidade de deixar fluir a imaginação e criatividade apenas nos primeiros anos, intencionando levar o indivíduo ao crescimento do pensar racionalmente, considerando o racional contrário ao imaginário.

Desde o tempo das cavernas, antes mesmo da invenção da escrita, a contação de histórias era a maneira mais interessante de se passar adiante alguma informação, como a cultura, costumes e tradições de um povo. Essas histórias eram transmitidas oralmente.

Como bem explica Bussato (2012, p. 20):

Sabemos que o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através das vozes dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias [...]

Segundo Bussato (2012), os contos apareceram de uma carência interna do ser humano em explicar a sua origem e a origem das coisas, dotando de significados a sua existência, sendo assim pode-se supor que estas criações do imaginário humano coincidem com a primeira classe conhecida do ser humano, o chamado Homo Sapiens.

Muitos dos contos de tradição oral se originaram de ensinamentos religiosos, prova disso é que Jesus Cristo foi um perfeito contador de histórias e suas parábolas podem ser encontradas no grande livro do cristianismo: a Bíblia.

O conto de literatura oral, segundo Bussato (2012): —presta-se a muitos objetivos, a iniciar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do homem. Por

meio do conto podemos apreciar as diferenças de raça, cultura e religião existente entre os povos e assim inserir princípios ético”.

Ainda à luz do autor mencionado: “O conto pode ser o estímulo que dará origem a estas e muitas outras reflexões. Serve também como elemento integrador de um trabalho em sala de aula, onde as diferentes áreas do conhecimento podem ser abordadas e pesquisada”.

Percebe-se que o conto de literatura oral ainda é visto como algo menor, sem valor, é notável essa desvalorização ao se ver que nossos mitos e lendas só recebem notoriedade no mês do folclore, momento em que se trabalha nas escolas, exaustivamente esses contos, em atividades que objetivam apenas valorizar aquela data comemorativa.

2.2.1 Tipos de narrativas

Para Bussato (2012), falar sobre as variadas esferas da literatura oral torna-se uma missão complicada e confusa. A autora se pergunta sob que visão poderá pautar as suas diferenças e semelhanças.

Sobre os contos de fadas, diz Bettelheim (2012, p. 12):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Os contos de fadas são narrativas que mostram sempre um acontecimento a ser resolvido pelo herói ou heroína, que na maioria das vezes não possui nome próprio. Somente são nomeados como princesa, rei, rainha, bruxa, madrasta, etc. Os conflitos apresentados nos contos de fadas são sempre vencidos, não importa o tamanho.

Sobre o significado de mito, Bussato (2012, p. 32) salienta: “Etimologicamente a palavra *mythos*, do grego, significa narrativa sobre o acontecimento dos seres vivos, homens e deuses, elementos da natureza, representação de fatos ou personagens, etcll.

Segundo Coelho (1987), a gênese dos mitos perde-se no início dos tempos. São histórias tão antigas quanto o próprio ser humano, trazem como

personagens deuses, duendes, heróis fabulosos ou situações nas quais o sobrenatural domina.

As lendas são narrativas curtas e breves, normalmente escritas em verso ou prosa, constitui-se de histórias em que o maravilhoso e o imaginário vencem o histórico e o verdadeiro. É difundida e preservada por meio da tradição oral.

Sobre as narrativas mencionadas anteriormente Bussato (2012, p. 35) escreve:

Se os estudos que propõem a busca de paralelos entre os contos de fadas e os mitos, suas implicações na trajetória do homem moderno e seus efeitos sobre a formação do ser humano são muitas, o mesmo não se pode afirmar sobre as fábulas e lendas. Enquanto os contos de fadas e mitos falam de, e para uma realidade interna, as fábulas falam à realidade externa, têm um caráter prático, dizem como poderemos melhorar as nossas atitudes cotidianas, a nossa conduta e convivência social, a partir de exemplos de outros seres, geralmente animais que agem e falam como seres humanos

As fábulas, na visão de Coelho (1987), são histórias de acontecimentos vivenciados por animais, que se referem a uma situação do homem com o intuito de repassar valores morais.

De acordo com Bussato (2012, p. 36): —Contos de fadas, mitos, lendas ou fábulas. Não importa quão diferente sejam em estrutura ou significado, são todos filhos de um mesmo pai. Remontam todos a uma única origem, a nossa imaginação.

2.2.2- A contação de histórias na educação infantil

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, v. 3, p. 143) —a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu.

É de suma importância que as instituições de educação infantil se preocupem em conservar e incentivar as crianças a falarem sobre quais histórias conhecem e escutam em suas casas ou em outros lugares que percorrem, pois esse resgate compõe uma gama de conhecimentos sobre as diferentes formas culturais

de lidar com os sentimentos, possibilitando a concepção da emoção e sensibilidade das crianças (BRASIL, 1998, p. 143).

Os professores de educação infantil devem incluir em sua rotina diária a prática da contação de histórias, pois nessa fase a criança está propensa à aprendizagem e ainda não tem qualquer preconceito, para que tenha êxito o professor precisa ter critérios em relação ao gênero literário a ser apresentado e à dinâmica de como será realizado esse momento.

De acordo com Bussato (2012, p. 37) com a prática da leitura e contação de histórias podemos “[...] valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos[...].”

Dessa forma, podemos explorar um repertório variado de conhecimentos, utilizando a contação de histórias e assim estimular nas crianças o prazer pela leitura e não uma obrigação que visa apenas a decodificação das palavras e a escrita das crianças, como é prática de muitos educadores.

O professor que conta histórias dá oportunidade à criança de desenvolver seu imaginário, levando-as a um mundo mágico, cheio de maravilhas, suspense, carinho, fantasia e prazer.

Segundo Rosa (2011, p. 36), a contação de histórias traz diversas contribuições:

[...] alguns estudos também mostram que crianças que participam regularmente da roda de histórias desde a Educação Infantil desenvolvem conhecimentos distintos daquelas que não tiveram essa experiência. Além disso, observa-se que elas apresentam comportamento imitativo do adulto, repetindo gestos, propondo brincadeiras com livros, ensaiando ser contadoras e leitoras de histórias.

Contar histórias é despertar a imaginação, é dar respostas aos questionamentos, é o descobrimento de um novo mundo com muitas ideias e conflitos.

Coelho (1986, p. 9) referindo-se a esse assunto comenta:

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com a matéria-prima especialíssima, palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para elas..

Segundo a autora em foco, o narrador deve ter a consciência de que o mais relevante é a história, o contador apenas transmite o que aconteceu, dando expressividade à história, considerando as limitações impostas pela escrita. A história é que orienta o melhor jeito de apresentá-la, até mesmo em relação às intervenções feitas por quem a conta.

Para Coelho (1986), ao confirmarmos a relevância da história como algo prazeroso para a criança e a colaboração que ela oferece para o crescimento, deve-se ter o cuidado de não correr o risco do improvisado. “o sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade”.

O primeiro procedimento é escolher o que vai contar. Ao contar uma história o professor deve ter-se apropriado do enredo, dessa maneira ele passará segurança ao ouvinte, e será mais fácil as emoções pertinentes ao texto fluírem.

É relevante utilizar uma voz agradável, clara e audível, e sempre que possível modificar a voz, o timbre e expressões faciais de acordo com os personagens e situações, procurando não exagerar nas emoções.

Ao se planejar a contação de história, de acordo com Coelho (1987), “é necessário a princípio uma seleção, considerando, entre outros fatores, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas”.

Conforme Coelho (1987), dentre os diferentes critérios que nos direcionam na seleção de histórias, destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária.

Até os três anos de idade, a criança está na fase pré-mágica. Nesse período, as histórias devem ter enredos simples e atraentes, com situações que se aproximem da vida da criança, de sua vivência social, afetiva e doméstica, devendo existir de preferência o ritmo e a repetição.

Dos três aos seis anos, a criança alcança a fase mágica, fase em que sua imaginação torna-se criadora. Esta fase se prolonga até mais ou menos sete anos, período em que as crianças pedem para repetir as histórias que gostam, no início têm preferência por histórias curtas, depois quando já possuem uma linguagem mais desenvolvida começam a se interessar por enredos mais longos.

Portanto, o momento da contação de história deve ser bem planejado e ter intencionalidade. O professor pode com essa arte estudar o criativo e o belo, de

maneira que possa estimular a imaginação das crianças e ampliar a oralidade, quando propicia momentos de interação com a história contada através do reconto.

Sobre o reconto, podemos encontrar no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998); “é um tópico referido como conteúdo pertencente a linguagem oral, especificado no bloco cujo nome é “Falar e Escutar”, direcionado especificamente ao trabalho com crianças de três aos seis anos de idade”.

No segmento em que encontramos o vocábulo reconto (BRASIL, 1998, p. 137) diz: “Reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professorll.

A partir da atividade do reconto, o professor dá ocasião para a criança reconstruir o texto original, do seu jeito, usando a sua imaginação e fantasia. Para se obter êxito na hora do reconto, o professor precisa propor momentos em que as crianças entendam a relação existente entre o que se fala, a escrita e a imagem.

Assim sendo, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 144), “nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual estão escritas, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo”.

É importante destacar que para inserir essa prática de contação de história na rotina escolar, é preciso que o professor goste de ler, esteja em constante formação, busque conhecer as obras de literatura infantil existentes, troque ideias com os colegas, em busca de se capacitar para realizar um trabalho com qualidade e que gere bons resultados.

2.2.3 Recursos utilizados na contação de histórias

Antigamente as histórias eram contadas oralmente se utilizando apenas a voz e alguns gestos corporais e expressões faciais. Na atualidade, percebe-se a utilização de outros recursos, que tornam a contação mais lúdica e atraente para as crianças, chamando sua atenção e estimulando o seu imaginário.

Esses recursos podem encontrar-se disponíveis no mercado ou podem ser confeccionados pelo próprio professor, que pode usar a criatividade.

Para escolher quais recursos usar, o contador deve atentar para as características peculiares das pessoas que ouvirão sua história, favorecendo a escolha da narrativa e que recursos adotará.

Ainda sobre o assunto, discorre Coelho (1987, p. 31): que “[...] Os recursos mais utilizados são: a simples narrativa, a narrativa com auxílio do livro, o uso de gravuras, de flanelógrafo, de desenhos e a narrativa com interferências do narrador e dos ouvintes.”

Segundo a autora cada recurso tem suas vantagens particulares e solicita uma prática especial.

Dentre os recursos apresentados pela autora em foco, podemos citá-los e explicá-los a seguir:

SIMPLES NARRATIVA

De todas as formas, essa é a mais atraente e tradicional expressão do contador de histórias. Não necessita de nenhum acessório e se realiza apenas com a utilização da voz do narrador e expressão corporal.

COM O LIVRO

Com o uso do livro não é somente ler a narrativa. O contador a conhece e vai contando com suas próprias palavras, sem vacilar nem consultar o texto, o que traria prejuízo à completude da narrativa.

COM GRAVURAS

Sugere-se usar gravuras ampliadas em papel resistente, sendo possível também se utilizar da colagem. Antes da contação colocam-se as gravuras em ordem, viradas para baixo. À proporção que vai contando, o narrador vai fixando uma de cada vez em um suporte próprio com naturalidade.

COM FLANELÓGRAFO

Quadro de forma retangular em madeira, compensado ou papelão grosso com um dos lados revestido com flanela de cor clara, preferencialmente o azul, pois servirá como cenário. As figuras devem ser feitas com papel camurça ou feltro, ou então recortes de revistas. Cada personagem é colocado individualmente, ocupando seu lugar no quadro, dando a ideia de movimento.

COM DESENHOS

Baseia-se em narrar uma determinada história, desenhando seu passo a passo na lousa, cartolina grande ou tela do computador.

COM INTERFERÊNCIA DO NARRADOR E DOS OUVINTES

A interferência é um excelente recurso para tornar a narrativa mais atraente, quando se trata de público numeroso, em lugares abertos, favorecendo a concentração dos ouvintes.

É preciso cuidado para não transformá-la em “programa de auditório”, deve aparecer em virtude do enredo, devendo-se manter o controle pelo narrador.

Debus (2006) defende um trabalho com recursos que estimulem as sensações da criança na hora da contação de história lida ou contada pelo adulto. “Qualquer que seja a estratégia escolhida, ler ou contar vai exigir do professor a coragem de se expor, de calar e também de ouvir.”

Podemos citar alguns recursos apresentados pela autora em questão e outros de conhecimento de minha prática e de escolas que aderiram a esse tipo de contação inovadora. São eles:

CAIXAS DE HISTÓRIAS

Este é um procedimento em que a história é retirada de dentro de uma caixa, que guarda segredos narrativos. O cenário da narrativa pode vir tanto em seu exterior como no interior da caixa e dela são tirados os personagens e objetos para a contação.

AVENTAL DE HISTÓRIAS

É confeccionado igualmente um avental de cozinheira, com decorações do cenário de acordo com a história, contendo bolsos, de onde saíram os personagens no decorrer da contação que serão fixados com velcro. Esse recurso pode ser feito de tecido, feltro, TNT³ e a decoração em material EVA⁴.

LUVAS DE HISTÓRIAS

Têm a mesma dinâmica do avental de histórias, sendo que a base é uma luva, na qual o cenário e personagens são fixos. O educador põe a luva na mão e com movimentos dos dedos, conta a história.

CARACTERIZAÇÃO

³ O TNT, conhecido popularmente como Tecido Não Tecido, é um material confeccionado em tecido a base de polipropileno e viscose que apresentam entre suas principais características o fato de serem atóxicas e semipermeáveis. Disponível em: < <http://www.temasi.com.br/tecidotnt/>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

⁴ O Etileno Acetato de Vinila, muito conhecido como E.V.A., é um copolímero* que surgiu nos Estados Unidos na década de 50 e passou a ser utilizado na indústria de transformação. Na década de 70, a indústria de calçados começou a procurar materiais alternativos ao couro, pois havia escassez do produto e, conseqüentemente, preço elevado. Uma das alternativas encontradas foi desenvolver partes do calçado com a utilização de E.V.A. Disponível em: < <http://www.eurekaeva.com.br/sobre-eva.html>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

O professor se caracteriza com roupas dos personagens apresentados pela história, como: fada, mago, bruxa, lobo, etc. Esse recurso possibilita a interação direta da criança com o personagem da história, mesmo sabendo ou desconfiando que por trás do disfarce esteja o professor.

TAPETE DE HISTÓRIA

Grande tapete feito de tecido, feltro ou TNT, pode ser redondo, oval ou um quadrado, tem como fundo o cenário da história a ser contada. Possibilita a aproximação das crianças na hora da contação, o professor pode se sentar dentro ou a margem do tapete e ao mesmo tempo em que narra a história, explora o cenário e mostra os personagens sobre o tapete.

DEDOCHES

São fantoches pequeninhos usados nos dedos, excelente recurso para se usar com uma pequena plateia e para uso das próprias crianças.

FANTOCHES

Boneco manipulado por uma pessoa pode ser um boneco que lembre um ser humano, um animal ou mesmo um objeto.

Os recursos para contação de histórias aqui citados não são os únicos existentes, podem ser criados muito mais, basta que o professor use a criatividade e esteja disponível para incluí-los em sua prática.

É relevante ressaltar que esses recursos, podem e devem ser manuseados também pelas crianças e não apenas como materiais exclusivos do professor. Sobre o assunto salienta Debus (2006, p. 84):

A criança não deve ser mera espectadora das atividades, isto, é ela deve se tornar contadora de histórias, ampliar o seu repertório, e para isso todos os recursos não devem ser manuseados apenas pelo professor. Deve ser concedido à criança o espaço para manuseá-los, brincar com eles, utilizando-os para construir suas próprias narrativas.

Além de propiciar as crianças o manuseio dos recursos no momento da contação, pode-se também confeccioná-los no tamanho apropriado para as crianças usarem, assim como dispor de fantasias e acessórios apropriados aos pequenos.

Outro ponto importante, deve se ressaltar, é que momento é o indicado para a contação de histórias na rotina da educação infantil, talvez surjam dúvidas sobre o momento ideal para se contar uma história para as crianças. Segundo

Debus (2006, p. 87): "... não existe a hora certa, mas, sem dúvida, existe uma hora imprópria".

De acordo com a autora citada, toda hora é hora de se contar histórias dentro da rotina da educação infantil, ressaltando ser necessário que o professor perceba o momento que favoreça essa prática. A autora faz uma crítica com relação às práticas de contação que objetivam acalmar as crianças para a realização de uma atividade específica, considerando que a escolha do momento adequado contribui para o êxito dessa prática na rotina de cada turma.

Além do momento propício para a contação de histórias, existe outro fator importante, que é o ambiente no qual se quer fazer essa contação. Deve ser um local agradável, confortável, iluminado e arejado, podendo ter almofadas, tapete e diversos livros ao alcance das crianças.

O local da contação de história não precisa ser necessariamente o mesmo. Podem-se usar outros locais, como: um jardim, a sombra de uma árvore, um gramado, um pátio decorado, entre outros a que tiverem acesso, e não apenas na sala de aula.

A disposição das crianças na hora da história é outro ponto para se refletir, é importante que as crianças se disponham em uma posição confortável, qualquer que seja a posição que escolherem, em pé, deitadas, desde que se sintam confortáveis e participem do momento com prazer e êxito.

Segundo Abramovich (1993, p. 22): "[...] antes de começar, é bom pedir que se aproximem que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... Cada um a seu gosto [...]"

Portanto, o momento da contação de histórias pode ser recriado sempre, basta que o professor use a criatividade e busque sempre novos conhecimentos sobre o tema, para enriquecer sua prática e assim levar para as crianças o mundo mágico que é a contação de histórias.

3 METODOLOGIA

3.1 Características da pesquisa

Pesquisar é procurar respostas para indagações propostas. Segundo Tartuce (2008, p. 41) “Pesquisar é um conjunto de ações propostas para encontrar a solução de um problema, que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos.”

Sendo assim, pesquisar é no sentido mais amplo procurar informações e respostas para as nossas indagações, por meios de consultas em revistas, livros, documentos, conversas com pessoas, e assim obtermos respostas. Nós estamos constantemente pesquisando em nosso cotidiano, mas não é uma pesquisa científica, pois esta objetiva comprovar ou não hipóteses utilizando processos científicos.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 26), “a pesquisa tem um caráter pragmático, é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Para o alcance do objetivo proposto: Investigar a prática da contação de história na educação infantil, optou-se por uma abordagem qualitativa e descritiva, já que [...] “a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados são básicas desse tipo de pesquisa. Tal pesquisa é descritiva, os pesquisadores tendem a analisar os seus dados indutivamente” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Sobre a pesquisa qualitativa Tartuce (2013) ensina que na abordagem qualitativa existe uma relação inseparável entre a realidade e o sujeito, que não se traduz em números. “As interpretações dos fenômenos, as atribuições dos significados são básicas nos processos de pesquisa qualitativa. Não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas”.

Segundo Minayo (2011, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Na tentativa de responder à questão de pesquisa: Como acontece a contação de história na educação infantil? Funciona? Não funciona? Por quê?, nesta pesquisa optou-se pela pesquisa predominantemente qualitativa, por ser mais apropriada em pesquisas sob o viés da educação.

3.2 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na escola pública de nome fictício Esperança. Este estabelecimento localiza-se no município de Fortaleza.

A escola Esperança oferece apenas educação infantil, para dezoito turmas que vão do Infantil I ao V, distribuídas nos turnos manhã e tarde. As turmas de Infantil I e Infantil II funcionam em tempo integral, sistema de creche, enquanto que as turmas de Infantil III até Infantil V em tempo parcial, sendo seis turmas de creche em tempo integral, seis turmas de pré-escola pela manhã e seis turmas pela tarde, totalizando 220 crianças matriculadas neste nível de ensino.

O corpo docente é formado por 17 professoras efetivas com carga horária de 200hs mensal nesta escola. Sendo 12 professoras PR-A e 5 PR-B (Professora regente A e B) e oito auxiliares de sala. Organização segundo a qual a PR-A é a professora titular da sala e a PR-B professora que assume a sala para que a PR-A possa fazer seu planejamento uma vez na semana. Todas elas com graduação em pedagogia.

Por ser uma escola anexo, a gestão é composta apenas por uma coordenadora efetiva que se divide com responsabilidades pedagógicas e burocráticas, contando com a ajuda de uma auxiliar administrativo. A escola possui dois vigias que se dividem entre os turnos do dia e noite. Conta com o pessoal de apoio, sendo três funcionárias responsáveis pela merenda e quatro funcionárias de serviços gerais.

O prédio é alugado, dispõe de uma infraestrutura de: doze salas de aula, seis banheiros infantis e um adulto, uma secretaria, uma sala de coordenação, uma sala de professores, um refeitório no qual as crianças se alimentam, uma cozinha, um parque de areia amplo com árvores e brinquedos, como escorregador e balanço de plástico, um espaço mediano com grama, uma brinquedoteca e uma piscina que se encontra desativada por falta de material para tratá-la.

Os motivos pelos quais escolhi essa escola para ser o Lócus da pesquisa foram: ser uma escola pública da prefeitura municipal de Fortaleza, de fácil acesso,

atender apenas crianças de educação infantil, por já ter trabalhado nessa escola quando era professora temporária, e por ter sido bem acolhida como pesquisadora pela gestão e pelos professores pesquisados.

3.3 Sujeitos da pesquisa

As pessoas participantes deste estudo foram três professoras, sendo duas da creche, uma do Infantil II, outra do Infantil III, e uma professora do Infantil V. A escolha destas professoras apoiou-se no fato de elas concordarem com a pesquisa e se colocarem à disposição em colaborar com o trabalho. Para efeito de sigilo elas serão identificadas pelo título —professorall, seguido de algarismo: professora 1, professora2 e professora 3.

A professora número 1 formou-se em pedagogia pela Universidade Federal do Ceará no ano de 2001 e tem Especialização em alfabetização, pela Faculdade 7 de Setembro, no ano de 2009. Tem quinze anos de experiência como professora de educação infantil.

A professora número 2 formou-se em pedagogia na Universidade Estadual do Ceará, no ano de 2007, e fez Especialização em psicopedagogia pela Universidade Vale do Acaraú. Já leciona há sete anos, sempre na educação infantil.

A professora 3 é formada em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em psicopedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e tem 23 anos de experiência, sendo os sete últimos na educação infantil.

Apesar de as crianças não serem os sujeitos da pesquisa, pode-se dizer que foram 60 as crianças envolvidas na pesquisa, sendo 20 do Infantil II, quinze do Infantil III e 25 do Infantil V. São turmas mistas oriundas de bairros próximos à escola.

3.4 Técnicas de coleta de dados

Em relação aos nossos objetivos, a pesquisa de campo é a mais indicada, para encontrar as respostas das indagações feitas nos objetivos deste trabalho e por possibilitar o uso de vários instrumentos: entrevistas, observação e diário de campo.

O processo de investigação em sala de aula foi feito através de observação do momento da contação de história, com o objetivo de mapear na

rotina escolar, o tempo, o espaço, e a disposição das crianças e como as professoras se comportam no momento da contação de histórias, assim como a para proceder a análise do planejamento da professora e os recursos utilizados por elas para enriquecer esse momento.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 190) “A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

Segundo a participação do pesquisador, a observação pode ser classificada em vários tipos, o que mais se enquadra nessa pesquisa é a não-participante, onde o pesquisador apenas observa, sem interferir, faz o papel de espectador.

Além da observação, outro instrumento utilizado nessa pesquisa é a entrevista, “que consiste em um encontro entre duas ou mais pessoas, a fim de que uma das partes obtenha dados, informações, interpretação, sobre determinado assunto” (TARTUCE, 2008, p. 66).

Nesta pesquisa a entrevista teve como alvo compreender a concepção das professoras acerca da importância da contação de história na educação infantil.

3.5 Trajetórias da pesquisa

Inicialmente fui à escola conversar com a coordenadora e as professoras que participaram da pesquisa, em uma conversa informal me apresentei como aluna e pesquisadora do curso de especialização na docência em educação infantil da Universidade Federal do Ceará, entreguei uma cópia da carta de recomendação dada pela professora orientadora, sensibilizei as professoras sobre a importância da pesquisa e falei sobre o tema: Contação de história, bem como de que gostaria de observá-las no momento da contação de histórias durante três dias.

Em uma segunda visita, solicitei à coordenadora com o intuito de fazer uma pesquisa documental, que me mostrasse o projeto político-pedagógico da escola, mas a coordenadora se negou a me mostrar, justificando que ele estava sendo reformulado. Como ela estava assoberbada de afazeres, alegou não ter tempo disponível para tratar disso, então não tive acesso a esse documento.

Nesse mesmo dia, conversei com as professoras e deixamos acordado o horário em que seriam feitas as observações com cada uma delas, podia observar as três no mesmo dia, sendo em horários diferentes, durante três dias consecutivos.

Na Terceira visita dia, 12 de novembro começaram as observações no turno da manhã, no horário de 07h00min as 11h00min. Ao chegar à primeira turma, da professora 1, esta me deu as boas-vindas, então me apresentei para as crianças, as quais que me acolheram muito bem, com alegria, de modo que alguns já começaram conversar comigo.

Na turma da professora 2, de crianças maiores, com 3 e alguns já com 4 anos, a recepção também foi muito boa, as crianças me receberam com alegria e curiosos em saber quem eu era e o que estava fazendo ali, alguns questionaram se eu iria ser professora deles, e então a professora me apresentou a turma e disse que eu estava ali para ouvi-la contar histórias, o que os deixou mais entusiasmados e curiosos.

Na turma da professora 3, de infantil 5, fui apresentada, e a professora explicou que eu iria observá-los na hora da contação de histórias, no início ficaram meio tímidos, mas nos dias seguintes começaram a interagir comigo, mostrando os desenhos que fizeram e perguntando coisas sobre minha vida, e falando sobre eles.

Nos dias subsequentes, as três turmas já estavam bem acostumadas comigo, recepcionavam-me com carinho e alegria, demonstrando que se sentiam a vontade com minha presença.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 Observação

Nesta seção, será analisado o momento da contação de histórias realizado pelos sujeitos da pesquisa através da transcrição da contação observada e da entrevista aplicada.

Com o objetivo de mapear na rotina escolar o tempo, o espaço e a disposição das crianças e como elas participam desse momento, foram feitas três observações durante três dias, no período de 12 a 14 de novembro, do momento da contação de histórias com três professoras de educação infantil da prefeitura de Fortaleza.

• PROFESSORA 1 - INFANTIL II

No primeiro dia (12/11) de observação na turma da **professora 1**, ela contou a história “FESTA NO CÉU”, organizou as cadeiras formando um semicírculo e indicou em qual cadeira cada criança sentaria, então se sentou em uma cadeira maior à frente das crianças.

Iniciou a contação utilizando apenas o livro e, à medida que ia lendo, mostrava a página com gravuras para as crianças. E em alguns momentos solicitava a participação da turma, fazendo perguntas referentes à história.

As crianças permaneceram sentadas e atentas à história, até certo momento, houve a dispersão de algumas delas, ficando em pé, ou indo mais para frente, algumas porque não conseguiam ver quando a professora mostrava as gravuras.

No segundo dia (13/11), a **professora1** organizou as crianças sentadas no chão, formando um semicírculo e ela sentou-se em uma cadeira mais alta, em frente às crianças, e iniciou a contação da história “GRANDE E PEQUENO”, as crianças permaneceram sentadas e atentas, uma ou outra que estava mais para trás se levantava em alguns momentos, de modo que a professora pedia que voltasse para o lugar. No decorrer da história, algumas crianças se mostravam desconfortáveis e deitavam, outras pediam para professora mostrar a figura, pois não haviam visto.

Ao término da contação nesse dia, a professora conversou um pouco com as crianças fazendo perguntas relativas à história, nesse momento algumas crianças solicitaram ver e pegar o livro, mas a professora ignorou.

No último dia de observação (14/11), a **professora 1** chamou as crianças para sentarem formando uma roda no chão, as crianças correram animadas. Na roda, a professora mostrou a capa do livro e fez a predição da história que seria contada, fazendo perguntas sobre o que estavam vendo, se sabiam qual história seria contada, e as crianças iam respondendo.

Após esse momento, a professora falou que contaria a história da CHAPEUZINHO VERMELHO, então iniciou a contação utilizando apenas o livro como nos dias anteriores, dessa vez como a história era conhecida pelas crianças, a professora contou com a ajuda deles, ela mostrava a página, e eles, por meio das gravuras, falavam o que viam, e ela dava sequência. Em alguns momentos ela se utilizava da mudança de voz para interpretar determinado personagem.

As crianças se mostraram atentas e interessadas na contação, tanto que ao chegar o fim demonstraram desânimo. Ao terminar a história, as crianças não solicitaram ver o livro, nem a professora proporcionou esse momento.

• PROFESSORA 2 - INFANTIL III

Primeiro dia (12/11), a professora organizou as crianças numa rodinha sentadas no chão, sentou junto com as crianças e iniciou a contação de história "O SANDUÍCHE DA MARICOTA". Primeiro ela mostrou a capa do livro e leu o título da história e o nome de quem escreveu a mesma, após começou a leitura da história com o livro e mostrando as gravuras simultaneamente.

As crianças permaneceram bem atentas e interessadas, e vez por outra alguma criança interferia no texto, fazendo perguntas e a professora respondia. Ao término da história era um alvoroço, as crianças solicitavam ver livro e a professora contornava a situação, pedindo que voltassem para a roda e então passava o livro para que as crianças vissem uma a uma, enquanto acontecia essa ciranda a docente fazia perguntas referente à história.

No segundo dia (13/11) a professora contou a história "LÚCIA JÁ VOU INDO". Como no dia anterior ela utilizou apenas o livro, e as crianças em roda sentadas no chão. No início as crianças ficaram quietas e atentas, em determinada parte da história, ficaram agitados querendo chegar mais perto da professora para

ver as gravuras, pois o livro era pequeno, então a professora teve que interromper a contação e reorganizá-los em seus lugares.

Em determinado momento umas das crianças deitou no chão, mas as outras permaneceram sentadas e a professora continuou a história. E no final da história como de costume as crianças correram para cima da professora pedindo pra ver o livro e ela fez como no dia anterior, pediu que voltassem para a roda e o livro passaria de um por um para que manuseassem.

No último dia (14/11) a professora organizou as crianças da mesma forma que nos dias anteriores, e no meio da roda pôs seis livros e leu o título de cada um para as crianças, após esse momento pediu que as crianças escolhessem o livro que gostariam que ela lesse, uma criança pegou o da —baleiall e gritou o nome.

Então a professora perguntou se os outros concordavam e gritaram em uníssono que sim, em seguida iniciou a contação da história —No oceano grandell, seguindo os mesmos passos dos dias anteriores, sendo que dessa vez ela solicitou a participação das crianças no enredo da narrativa.

• PROFESSORA 3 - INFANTIL V

A **professora 3**, no primeiro dia (12/11), contou a história — O LEÃO E A RAPOSAII, organizou as crianças em roda no chão da sala, começou cantando uma música de iniciar a contação e utilizando o livro mostrou a capa, pedindo que as crianças falassem o que viam e assim fez a predição da história.

Na sequência, foi lendo a história e mostrando as gravuras, ao final tentou reorganizar as crianças na roda e começou a fazer perguntas sobre a história lida, e as crianças respondiam. Em seguida, solicitou que cada um desenhasse a parte que mais gostou da história ouvida. Após as crianças desenharem pediu que cada uma mostrasse seu desenho e explicasse o que desenharam, em seguida expôs os desenhos no varal.

No segundo dia (13/11), a contação foi de maneira diferente, a professora fez dramatização da história “OS TRÊS PORQUINHOS”, situação em que a professora lia, e as crianças escolhidas representavam com gestos seu devido personagem. O restante da turma ficou sentado nas cadeiras encostadas na parede.

No terceiro dia (14/11), a contação foi da mesma forma que no primeiro dia, as crianças sentadas no chão em roda, e a professor sentada também no chão lendo o livro e mostrando as gravuras.

A **professora 1** utilizou sempre a mesma forma para contar história, no caso, o uso do livro, de maneira que ela lia e após mostrava as gravuras, muitas

vezes, tornando a visibilidade ruim para algumas crianças que se encontravam mais distantes, pois o livro era pequeno.

Com relação à disposição das crianças, quando a roda de história foi feita no chão eles pareciam mais à vontade, visto que também podiam se mexer mais, já que no primeiro dia eles foram organizados em cadeiras em que a própria professora indicava que sentassem. No entanto, como a professora sentava sempre em uma cadeira bem mais alta do que as crianças, eles precisavam esticar o pescoço para tentar ver as gravuras, pois a professora não colocava o livro na altura deles.

Outro ponto que analisamos é o fato de a professora não possibilitar às crianças o manuseio do livro que foi lida a história, para que tivessem uma visão melhor das gravuras e o contato com o material impresso.

Segundo Debus (2006, p. 84)

A criança não deve ser mera espectadora das atividades, isto é, ela deve se tornar contadora de histórias, ampliar seu repertório, e para isso todos os recursos não deve ser manuseados apenas pelo professor. Deve ser concedido à criança o espaço para manuseá-los, brincar com eles, utilizando-os para construir suas próprias histórias.

Nessa citação, a autora fala sobre a importância de se possibilitar às crianças o manuseio do recurso utilizado para contação de história, nesse caso o livro.

A **professora 2**, assim com a professora 1 também utilizou apenas do livro para fazer a contação de história, sendo que a organização das crianças sempre foi em rodinha, sentadas no chão, e até mesmo deitadas, ela deixava que ficassem à vontade.

O diferencial dessa professora é que ela sentava sempre no chão juntamente com as crianças e após a contação de histórias disponibilizava o livro para que as crianças olhassem e manusessem, enquanto ela fazia perguntas sobre a história. Assim como deu a oportunidade de as crianças escolherem a história que queriam ouvir, em um dos dias observado.

A **professora 3**, conforme as outras duas, fez a contação, na maioria das vezes, lendo o livro e mostrando as gravuras, sendo que em um dos dias fez por meio de dramatização com as crianças, momento que percebemos uma falta de planejamento, algo improvisado, pois a professora lia as cenas e “empurrava” a

criança responsável por tal personagem apenas para fazer gesto ou se dirigir ao centro da sala, faltando uma interação maior da criança com a narrativa e surgindo a timidez em representar, como se tivesse ali por obrigação e não por querer.

A disposição das crianças era sempre em roda no chão e a professora junto com as crianças. No término da história, sempre disponibilizava o livro para que as crianças tivessem o contato com ele, e conversava com elas sobre a história lida, em seguida solicitava que desenhassem a parte que mais haviam gostado.

É importante atentarmos sobre a forma que iremos dispor as crianças no momento da contação para que se sintam confortáveis e à vontade, sem cairmos na tentação de “obrigar” que elas fiquem do jeito que queremos, sem nos importarmos com o bem-estar delas.

Segundo Abramovich (1993, p. 22) para dar início à contação de histórias deve-se: “[...] antes de começar, é bom pedir que se aproximem que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar; sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... Cada um a seu gosto [...]”

Quanto à participação das crianças no momento da contação, nas três turmas vimos que ficavam atentas por um determinado tempo, e, às vezes, por demorar a conclusão da história ou por falta de interesse, uma ou outra criança se mostrava entediada, com sono e se deslocava da roda procurando mexer nos brinquedos ou em qualquer coisa que estivesse próximo, inclusive implicar com o colega vizinho.

O local para contação de histórias foi sempre o mesmo nas três turmas: a sala de aula, não houve um rodízio de lugares diferentes, apesar de a escola disponibilizar de outras opções, como: grama, sombra de árvores, casinha de boneca.

De acordo com Melo (2011), —os espaços para o momento da contação de histórias deverão ser confortáveis, se possível com almofadas, uma iluminação adequada e ter à disposição das crianças diversos livros e revistas.]]

Pelas observações feitas percebemos que as três professoras não procuram diversificar o local e a forma de fazer a contação de histórias, como utilizar outros recursos, preparar o ambiente de forma que estimulem as crianças a gostarem do momento e perceberem que vão ter uma atividade diferente e prazerosa.

Sobre o local da contação de história, discorre muito bem Debus (2006, p. 84):

O ato de contar ou ler uma narrativa pode ser realizado em qualquer espaço [...] no entanto, no ambiente da educação infantil, em que se pensa tanto na importância do aspecto físico e a sua organização, seria importante apresentar a criança, em sua formação leitora, uma maneira mais prazerosa de estar com a leitura, para que mais tarde consiga administrar ao outro protocolos de leitura, mais sisudos.

Ou seja, a contação de histórias merece um lugar maravilhoso e empolgante, não é necessário que seja no mesmo local sempre, podendo variar com outras opções, como: um jardim, debaixo de uma árvore, no pátio, ou seja, deve-se explorar os espaços existente da instituição de educação infantil.

4.2 Análise das entrevistas

Para alcançar o objetivo específico desse trabalho: Investigar a concepção da professora sobre a importância da contação de histórias elencamos algumas perguntas para realizarmos a entrevista com as professoras.

• PERGUNTAS

- 1 - Você conta histórias para as crianças? Qual frequência? E que momento do dia?
- 2 - O que a contação de histórias proporciona na vida das crianças?
- 3 - Como professora da educação infantil, qual a importância da história nessa fase?
- 4 - Qual a maneira mais adequada ao contar história? Você utiliza algum recurso na contação? Quais?
- 5 - Como você planeja o momento da contação de história em sua sala de aula?
- 6 - Como você percebe a reação das crianças no momento da contação de histórias? Elas gostam? Ficam entediadas?
- 7 - Que tipos de livros você lê para suas crianças? Que critério utiliza na escolha dos mesmos?

- **RESPOSTAS⁵**

- **PROFESSORA 1**

1 – “Conto, quase todo dia”.

2 – “Uma comparação com a realidade deles, que eles trazem muito da história, buscando- o que já viveram”.

3 – “Para eles trabalharem a oralidade e para construção de ideias, porque estimulamos o assunto da história, e isso leva as crianças a fazerem um elo com realidade deles”.

4 – “Adequada? depende da história, você pode usar vários recursos, mas geralmente fico somente na rodinha e enfatizo a voz e sempre conto com o uso do livro, pois não tem outros recursos na escola”.

5 – —Planeja o momento com a intenção de usar outros recursos como, dedoches, palitoches, entre outros, e modificando o lugar da contaçãoll.

6 – —Geralmente eles têm muito interesse, pedem para contar de novo, eles gostam, um ou outro que, às vezes, fica implicando com o colega, mas participall.

7 – —Gosto de contar histórias de acordo com o conteúdo da aula, sempre, só nos dias que não fiz o plano utilizo qualquer umall. .:

- **PROFESSORA 2**

1 – —Conto quase todo dia. Não tem um momento certo, procuro contar no momento que eu vejo que as crianças estão mais concentradas. Não tem horário fixoll.

2 – —Desenvolve a oralidade e a criatividade da criançall.

3 – —Para a criança ampliar o vocabulário, conhecer outras formas de culturas, ampliar o mundo delasll.

4 – —Eu acho que não tem uma maneira certa para contar, a maneira certa é do jeito que a criança goste e geralmente eu não uso outros recursos diferente do livroll.

5 – —Eu não planejo esse momento, na hora eu escolho o livro ou as crianças solicitam que histórias querem ouvir. Eu não planejo nada, nem a história que vou ler, nem o local da contaçãoll.

⁵ Informações verbais concedidas pelas professoras participantes desta pesquisa.

6 – —A maioria das crianças gostam, sempre existem alguns que não se concentram, a grande maioria gosta, e mesmo esses que não prestam atenção, eu noto que estão escutando a história, mesmo não estando sentado junto com os demais.

7 – —Como minha turma é Infantil III, procuro ler histórias mais curtas e simples, talvez não seja o melhor critério, às vezes uso uns contos de fada mais simples e no decorrer do ano vou aumentando a complexidade dos livros.

• PROFESSORA3

1 – —Conto todos os dias. No momento que for propício, antes do recreio, após o recreio, no início da aula, ou seja, qualquer hora que achar oportuno.

2 – —Proporciona o contato com a fantasia, desenvolve a linguagem oral e escrita faz as crianças conhecer suas próprias emoções, identificando-se com a história.

3 – —A história é fundamental, pois facilita aprendizagem, proporciona alegria o desenvolvimento da oralidade e imaginação.

4 – —Para mim não existe uma maneira adequada de contar histórias, basta que se consiga prender a atenção da criança e o entusiasmo em ouvir, estimulando assim o gosto pela leitura. Em alguns momentos uso outros recursos diferentes do livro, mas na maioria das vezes conto histórias com o livro, modificando a voz de acordo com a necessidade e gosto de me caracterizar com um vestido, chapéu, etc.

5 – —Não planejo um passo a passo desse momento, no plano de conteúdos existe o momento da roda de história, por isso procuro contar todos os dias, mas nem o título que vou ler costumo colocar no planejamento, escrevo apenas contação de história e na hora que vejo qual vou contar, e o local que será realizado.

6 – —Elas mostram interesse, que estão gostando, alguns em alguns momentos se mostram entediados, mas a maioria sempre interage na hora da contação.

7 – —Às vezes procuro livros que tenham relação com o conteúdo abordado no dia, ou projeto que estamos vivenciando, mas na maioria das vezes procuro livros que tenham muitas gravuras e que não sejam histórias longas demais.

Pelas respostas dadas às perguntas de número 1, 2 e 3, as professoras contam histórias todos ou quase todos os dias e consideram essa prática importante, pois com a contação de histórias a criança desenvolve a linguagem oral e escrita, aprimora a criatividade e imaginação e aprende a conhecer e identificar suas emoções, bem como relacioná-las com a narrativa ouvida, além de conhecer a maneira de viver de outras culturas, ampliando sua visão de mundo.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 143) enfatiza: “A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar e agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”.

Portanto, a prática da contação de histórias na rotina da educação infantil proporciona o crescimento da criança no aspecto cognitivo, social e emocional. É uma maneira de aproximar a criança do livro e conseqüentemente incentivar o gosto pela leitura.

Coelho (1986) aconselha que tomemos cuidado para não tornarmos o momento da contação de histórias em uma exigência utilitária, esquecendo-nos do prazer que esse momento deve proporcionar. Sobre isso Coelho salienta que:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem— —se ficarem quietos, conto uma história, —se isso, — se aquilo...—quando o inverso é que funciona. A história quieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias [...] (1986, p. 12).

Ao ouvirem histórias, as crianças são estimuladas em vários aspectos que envolvem seu corpo, suas ideias, seus sentimentos, a linguagem, seus sentidos, a memória e sua imaginação e criatividade.

Ainda sobre o ouvir histórias Abramovich (1993, p. 29) discorre: “Ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal tudo pode nascer dum texto”

Analisando as respostas da pergunta de número 4, percebe-se que as três professoras compartilham do mesmo pensamento ao responderem que não existe uma maneira correta para se contar histórias, contanto que se obtenha resultados positivos por parte do ouvinte, nesse caso, a criança, ou seja, a maneira

adequada é a que entusiasme a criança a ouvir com interesse e atenção, demonstrando prazer nessa atividade e querendo sempre mais.

Segundo Abramovich (1993, p. 18), para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz.

[...] Afinal nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música, e com a sonoridade das frases, dos nomes... Capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção. Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda!!! [...]

No que se refere ao uso de outros recursos para contação de histórias, além do uso do livro, as três professoras responderam que têm conhecimento de recursos, como: avental de histórias, fantoches, dedoches, palitoches, entre outros. No entanto, quase não diversificam, já utilizaram, mas poucas vezes, ressaltando que costumeiramente utilizam apenas o livro e a voz, que procuram modificar de acordo com a cena e os personagens.

Os recursos existentes e citados neste trabalho são apenas outros meios de podermos enriquecer o momento mágico que é a contação de histórias, são recursos que podem ser criados e recriados pelo próprio professor, basta que use e abuse de sua criatividade para tornar esse momento rico e envolvente, prendendo mais ainda a atenção e o interesse das crianças e estimulando nelas uma leitura sensorial.

Coelho (1986) discorre sobre como fazer a contação de história com o uso do livro:

Devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, abeto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa (p. 33)

Sobre a pergunta número 5, cujo foco é como é feito o planejamento pelas professoras em relação ao momento da contação de histórias, conclui-se pelas respostas que as três não executam um plano para o momento, que na rotina existe um tempo dedicado a roda de histórias, e as professoras apenas completam

com “contação de histórias”. Sendo que, na maioria das vezes, nem o livro que vai ler discriminado o título.

Portanto é uma prática sem intencionalidade, pois não é um momento pensando e estudado, é feito de improviso.

Segundo Coelho (1986), a contação de histórias é fonte de prazer e não se pode correr o risco de improvisar. O êxito da contação de histórias depende de diversos fatores interligados entre si e que são imprescindíveis a formulação de um plano, um roteiro, que possa organizar o desempenho do narrador, dando-lhe confiança e naturalidade.

A pergunta de número 6 diz respeito ao comportamento das crianças no momento da contação de histórias, as três professoras foram unânimes na resposta, falando que geralmente as crianças gostam do momento e se mostram interessadas e atentas, uma ou outra criança de vez em quando se mostra entediada, procurando outro meio de distração, por exemplo, implicar com o colega., mas no geral gostam e interagem na hora da contação.

A última pergunta, a de número 7, é referente aos critérios de escolha da história a ser contada. A **professora 1** sempre procura ler livros que se relacionem aos conteúdos abordados em sala de aula.

A **professora 2** responde que, pelo fato de sua turma ser de infantil III, ela procura sempre histórias simples e curtas e que no decorrer do ano vai aumentando a complexidade dos livros, e lê contos de fadas mais curtos.

A **professora 3** procura ler livros que contenha muitas gravuras e, muitas vezes, de acordo com o conteúdo ou tema do projeto vivenciado, e prefere ler histórias não muito longas.

A respeito da escolha da história a ser contada, Debus (2006, p. 90) mostra critérios importantes para a criança da educação infantil:

A escolha desse período de vida dar-se por dois motivos que julgamos fundamentais: o primeiro está assentado no pressuposto de que essa criança ainda não está no espaço escolar enquanto aprendizagem sistemática das regras linguísticas, e o segundo em sua condição de leitora em formação.

Portanto essa escolha da história para ser contada para a criança, não deve ter uma preocupação com algum tipo de conteúdo abordado ou com intencionalidade didática.

É importante citar as considerações de Abramovich (1993, p. 20) acerca da escolha da história adequada para a contação na educação infantil:

Claro que se pode contar qualquer história a criança; comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa... qualquer uma, desde que seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição[...].

Ou seja, segundo a autora citada o critério de seleção depende do contador, no caso o professor. É ele quem melhor conhece seu repertório de histórias, o público que pretende atingir e os objetivos que se tem em mente ao contar histórias na Educação Infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de minha prática, fui percebendo o quanto a contação de histórias e o contato com os livros auxiliam em diversos aspectos do desenvolvimento das crianças, tais como a cognição, a socialização, a aquisição da linguagem oral e escrita, assim como na elaboração de regras de convívio e no aspecto afetivo ajudando-as na construção de sua identidade.

São por meio das histórias que elas ampliam seus horizontes e aumentam seus conhecimentos passando a entender o mundo ao seu redor, fazendo com que transformem seu jeito de pensar, agir e ser. Essa experiência diária, bem organizada e com intencionalidade, permite às crianças desenvolver comportamentos leitores.

Este trabalho foi muito relevante para a minha prática, enriqueceu ainda mais meus conhecimentos, fazendo-me entender o quão importante e como é grande a sua utilização como um instrumento mediador nas atividades, trazendo benefícios significativos para o desenvolvimento infantil.

O estudo em questão nos possibilitou perceber que inserindo a prática da contação de histórias na rotina da educação infantil, o professor tornará a aprendizagem mais apreciável e envolvente para a criança.

O professor que conta histórias dá oportunidade às crianças de desenvolverem a imaginação, levando-as a um mundo mágico, cheio de maravilhas, suspense, carinho, fantasia e prazer.

Durante a pesquisa na escola, observamos a prática das professoras pesquisadas no momento da contação de histórias e constatamos que essa atividade acontece na rotina da sala de aula, porém sem uma intencionalidade, não se tem a preocupação de planejar esse momento, é tratado como algo que se pode fazer a qualquer momento aleatoriamente e sem planejamento.

Concordamos que podemos contar história em qualquer momento, não é necessário se prender a uma determinada hora sempre, mas até que ponto? Pode acontecer de aquele momento que se escolheu não ser oportuno, e então? São reflexões que devemos fazer na busca de tornar esse momento em nossa prática significativo, para trazer resultados positivos.

Uma vez ou outra a contação de histórias até pode ser improvisada, mas a professora deve ter a sensibilidade de identificar o momento adequado para essa

atividade, além de procurar conhecer a história escolhida, fazendo uma leitura prévia do livro para poder contá-la com mais entusiasmo, sem titubear, dessa maneira conseguindo prender a atenção e prazer do ouvinte em escutá-la.

É oportuno ressaltarmos a maneira de se utilizar o livro na contação de histórias, procurando mostrar as figuras de uma forma que possibilite a visão para todas as crianças conseguindo dessa maneira a atenção e concentração delas, assim como também possibilitar à criança contato com o livro ao final da história.

O reconhecimento da contação de histórias na educação infantil possibilita às crianças um crescimento mais amplo, pois infelizmente, muitas vezes, esse momento se encontra presente apenas em ambiente escolar, no qual elas têm o contato com livros e audição de histórias.

Portanto, a prática da contação de histórias na educação infantil deve ser constante em sua rotina, visto que contribui para o desenvolvimento integral da criança, estimulando seu imaginário, fantasia e levando-as a sentir prazer e alegria pelo mundo da leitura, garantindo assim sujeitos críticos e bons leitores.

Seria interessante e produtivo que municípios investissem mais na formação das professoras no que diz respeito à atividade de contação de histórias, oferecendo cursos que os qualifique cada vez mais para desenvolver um trabalho de qualidade juntos às crianças.

Com esta pesquisa, pretende-se aguçar nos professores e professoras de educação infantil um entusiasmo maior por contar histórias em sala de aula, tornando-se, dessa forma, pesquisadores de novos conhecimentos que os orientem a uma maneira mais envolvente e significativa de aprender.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1991.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional Nacional para a educação Educação infantil**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEB, 2009.

BUSSATO, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 4.ed. São Paulo: Quíron, 1987.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18.ed. São Paulo: Ática, 2003.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: A leitura literária na educação infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

FILHO, José Nicolau Gregorin; PINA, Patricia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva (orgs.). **A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**.– Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Márcia Helena Nóbrega de. **A contação de histórias e sua relação com a formação de leitores desde a educação**. Campina Grande-PB, 2011.

MINAYO, Mari Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 30.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORIENTAÇÕES Curriculares para a educação infantil./Secretaria de Educação do Estado do Ceará - Fortaleza: Seduc, 2011.

PONTES, Verônica Maria de Araújo. **O fantástico e maravilhoso mundo literário infantil**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA, Ester Calland de. (org.). **Ler e escrever na educação infantil**. Discutindo práticas pedagógicas. 2.ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. **Normas e técnicas para trabalhos acadêmicos**. Fortaleza: Unice, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 9.ed. São Paulo: Global, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA ÀS PROFESSORAS

PERGUNTAS

- 1 - Você conta histórias para as crianças? Qual frequência? E que momento do dia?
- 2 - O que a contação de histórias proporciona na vida das crianças?
- 3 - Como professora da educação infantil, qual a importância da história nessa fase?
- 4 - Qual a maneira mais adequada ao contar história? Você utiliza algum recurso na contação? Quais?
- 5 - Como você planeja o momento da contação de história em sua sala de aula?
- 6 - Como você percebe a reação das crianças no momento da contação de histórias? Elas gostam? Ficam entediadas?
- 7 - Que tipos de livros você lê para suas crianças? Que critério utiliza na escolha dos mesmos?